

## **ENTRE SOMBRAS E AMEAÇAS: OS ARTIGOS DO INTELLECTUAL ANÍSIO TEIXEIRA NO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO EM 1968**

Fernando César Ferreira Gouvêa – UFRRJ

Este trabalho tem como objeto de estudo os artigos da autoria do intelectual Anísio Teixeira que foram publicados pelo jornal Folha de São Paulo entre junho e dezembro de 1968 que são fontes primárias e não aprofundadas pela historiografia da Educação no Brasil. Quanto à metodologia, a História Cultural será o lastro para as indagações de caráter qualitativo, documental e bibliográfico sobre os seguintes aspectos: os conteúdos dos artigos; a relação entre a escalada de violência das forças de repressão e os temas abordados pelo articulista; a contribuição deste conjunto de artigos para a historiografia da educação brasileira e quais pontos que ainda permanecem candentes para a sociedade brasileira no tempo presente. Trata-se de uma primeira aproximação com este conjunto de escritos que pode contribuir para a uma compreensão dos posicionamentos de Teixeira face aos problemas que são atinentes à questão educacional, mas que ultrapassam este limite e incluem análises da conjuntura política, social, econômica num exercício de crítica num período marcado por sombras e ameaças.

Palavras-Chave: Trajetória dos intelectuais no Brasil. Anísio Teixeira. Jornal Folha de São Paulo, 1968.

## **ENTRE SOMBRAS E AMEAÇAS: OS ARTIGOS DO INTELLECTUAL ANÍSIO TEIXEIRA NO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO EM 1968**

Fernando César Ferreira Gouvêa – UFRRJ

### 1. Introdução: entre o objeto de estudo e os objetivos do trabalho

Este trabalho tem como objeto de estudo os artigos da autoria do intelectual Anísio Teixeira<sup>1</sup> que foram publicados pelo jornal Folha de São Paulo<sup>2</sup> em 1968. Tal trabalho reside em fontes primárias e, até então, não aprofundadas pela historiografia da Educação no Brasil: os próprios artigos que animaram as páginas da referida publicação entre junho e dezembro de 1968 e o contexto histórico no qual estão inseridos.

Não escapa aos olhos que parte destes artigos reapareceram como integrantes da primeira parte do livro “Educação no Brasil (1969)” – item 08 – identificado como “Notas sobre a Universidade” e, passados vinte anos, receberam destaque na coletânea “Educação e universidade” (1988) onde os cinco artigos constantes das referidas notas foram condensados sob o título “Reforma Universitária na década de 60”. Ademais, o artigo “Tecnologia e pensamento” (Folha de São Paulo, 26 de outubro de 1968) conquistou um espaço na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos nº 51 de 1969.

Então, cabe uma indagação: por que retomar artigos que – além da publicação original – foram objeto de divulgação científica em diferentes meios e ocasiões? A resposta buscará expressar a justificativa para este empreendimento intelectual. Vejamos: temos somente seis artigos republicados num total de vinte e oito editados pelo jornal Folha de São Paulo, ou seja, vinte e dois artigos permanecem inexplorados ou pouco conhecidos nos meios acadêmicos. Trata-se, portanto, de uma primeira aproximação com este conjunto de escritos que pode contribuir para a uma compreensão e dimensionamento dos posicionamentos do intelectual Anísio Teixeira face aos problemas que são atinentes à questão da Educação no Brasil, mas que ultrapassam este limite e incluem análises da conjuntura política, social, econômica num exercício de crítica sobre problemas “crônicos” da humanidade, dentro e fora do nosso país.

Tanto quanto o conteúdo dos artigos está em jogo o suporte que dá vida a cada um destes textos: um periódico de alcance nacional. Uma caixa de ressonância para a análise das

---

<sup>1</sup> Nasceu em Caetitê, Bahia, em 12 de julho de 1900. Bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro em 1922 e obteve o título de Master of Arts pelo Teachers College da Columbia University, em Nova York, em 1929. Faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em março de 1971.

<sup>2</sup> Jornal paulista diário em circulação com este nome desde o início da década de 1960. Foi precedido por outros três jornais lançados entre 1921 e 1925, todos pertencentes à Empresa Folha da Manhã S.A., denominados Folha da Noite, Folha da Tarde e Folha da Manhã (COHN e HIRANO, 2001, p. 2.235).

inquietações do tempo histórico em destaque (CHARTIER, 1990; GOUVÊA, 2010; 2012; 2012a).

Este artigo estabelece as seguintes problematizações: Quais os conteúdos destes artigos? Que imbricações existiram entre a escalada da violência do governo de exceção – seja no campo dos direitos individuais, seja no cerceamento das liberdades de docentes e discentes - e os temas abordados pelo articulista? Quais os ideários presentes nos textos que já permeavam a obra de Teixeira no decorrer da sua trajetória intelectual e quais eram as novas preocupações? Qual a contribuição deste conjunto de artigos para a historiografia da educação brasileira? Por fim, quais pontos que ainda permanecem candentes para a sociedade brasileira no tempo presente?

Muitas perguntas. Diversas tentativas de respostas sobre a atuação de Anísio Teixeira como intelectual e como “ator do político”, do ator que apresenta “um engajamento na vida da cidade” e dos seus projetos e que também pode ser a testemunha ou a consciência destes movimentos no que refere à assinatura de manifestos e abaixo-assinados, criação de revistas e demais ações que se estendam a outros campos sociais (SIRINELLI, 2003, p. 231). Por certo, Teixeira construiu uma sólida carreira no campo educacional e no campo da política em meio a tantas afinidades eletivas e ações de abrangência nacional e internacional. Caso contrário não teria permanecido por treze anos e por treze ministros na circunscrição do Ministério da Educação (GOUVÊA, 2009).

## 2. Um intelectual e as suas redes relacionais

Seguindo os estudos de Bourdieu (NOGUEIRA e CATANI, 1998), na intenção de facilitar o entendimento do capital cultural, do capital simbólico e do capital social acumulados por Teixeira nos anos 1950 e 1960 - que foram as prováveis causas do convite para o papel de articulista do periódico - faz-se necessário relembrar as funções exercidas no âmbito de instituições nacionais e internacionais no arco de tempo assinalado.

O quadro 01 oferece uma visão de conjunto em relação aos períodos em que o intelectual esteve à frente de cada uma das referidas instituições.

## Quadro 01

### A participação de Anísio Teixeira em Instituições Educacionais (1951-1964)<sup>3</sup>

ANO	CAPES	INEP	SBPC	CBPE	ISEB	OEA	PABAAE	CHEAR	OPA	UNB	CFE
1951	x										
1952	x	x	x								
1953	x	x	x								
1954	x	x	x								
1955	x	x	x	x	x						
1956	x	x	x	x	x	x					
1957	x	x	x	x	x	x	x				
1958	x	x	x	x	x	x	x	x	x		
1959	x	x	x	x	x	x	x	x	x		
1960	x	x	x	x		x	x	x	x		
1961	x	x	x	x			x	x	x	x	x
1962	x	x	x	x			x			x	x
1963	x	x	x	x			x			x	x
1964	x	x	x	x			x			x	x

Fonte: Gouvêa (2008).

A extensa lista de cargos ocupados pelo intelectual tanto no plano nacional quanto no internacional assinala a centralidade do ator no âmbito do poder público federal e na visibilidade que deteve no campo das ideias e ações na luta por uma educação pública, laica e com qualidade numa sociedade democrática.

Com o advento do golpe civil-militar de 1964, segundo Farias, Amaral e Soares (2001, p. 210), Teixeira “foi afastado de suas funções no dia 27 de abril daquele ano, e aposentado compulsoriamente. Com autorização especial do presidente Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco (1964-1967), embarcou para os Estados Unidos”,

Retornou ao Brasil em 1966 e foi convidado para ser consultor da Fundação Getúlio Vargas e da Companhia Editora Nacional. Reassumiu o mandato no Conselho Federal de Educação que

<sup>3</sup> CAPES - Campanha de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível Superior – Criação: 1951 – Sede: D.F.; INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – Criação: 1937 – Sede: D.F.; SBPC– Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – Criação: 1948 – Sede: S.P.; CBPE – Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais – Criação: 1951 – Sede: D.F.; ISEB – Instituto Superior de Estudos Brasileiros – Criação: 1955 – Sede: D.F.; OEA – Organização dos Estados Americanos – Criação: 1958 – Sede: Estados Unidos da América do Norte; PABAAE - Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar - Criação: 1956 – Sede: Belo Horizonte; CHEAR - Conselho de Educação Superior para as Repúblicas Americanas – Criação: 1958 – Sede: Rotativa; OPA – Operação Pan-Americana – Criação: 1958 - Sede: Rotativa; UnB – Universidade de Brasília – Criação: 1961; CFE – Conselho Federal de Educação – Criação: 1961.

se encerrou em 1968. Neste ano, recebeu um convite do Jornal Folha de São Paulo a fim de que participasse do Caderno Especial sobre a crise de maio na França e que teve também a participação de Edgar Morin com a entrevista “A imaginação no poder”. Teixeira seguiu até dezembro de 1968 como articulista do periódico.

O jornal Folha de São Paulo – nome adotado em 1960 – até meados de 1962 se mostrou afinado com as propostas do poder executivo federal. No entanto, em agosto deste mesmo ano, ocorreu uma mudança na direção do periódico. Mudança formal nos cargos de chefia e mudança das orientações da linha editorial. Otávio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho, ao assumirem as posições hierárquicas de comando junto com o diretor de redação, José Reis, modernizaram o processo de circulação e de impressão, tendo alcançado em 1963 o posto de o jornal com a maior circulação paga no Brasil. Para além disto, imprimiram um rumo nitidamente conservador e opositor ao Governo João Goulart (1961-1964) e pela visibilidade conseguiram mobilizar uma parcela considerável da opinião pública em favor de ações que culminaram com o golpe civil-militar de 1964 (FERREIRA, 2003).

Ainda no tocante à trajetória do jornal Folha de São Paulo, o apoio explícito ao golpe não significou um alinhamento automático a todas as medidas tomadas pelo regime haja vista que a censura à imprensa gradativamente passou a ser o centro dos ataques mais virulentos às conquistas da sociedade democrática. Na verdade, o jornal buscou manter uma postura independente com críticas moderadas ao governo federal. Fato que não agradou aos militares e nem à esquerda (COHN e HIRANO, 2001).

Desta forma, abriu-se um espaço para discordâncias e embates que estiveram presentes no seu Primeiro Caderno. Compunham a quarta página do caderno o “Editorial” e uma “Charge” ao lado; logo abaixo, o “Artigo” do dia fazendo fronteira com a seção “Cartas à Redação” em atendimento às críticas dos leitores e, por fim, em ponto inferior, a seção “A Opinião Alheia” que buscava nos editoriais de outros jornais o juízo sobre temas polêmicos.. Exatamente aí, neste espaço de destaque e de possibilidade do estabelecimento de controvérsias foram publicados vinte e oito artigos de Anísio Teixeira no período de 02 de junho a 30 de dezembro de 1968.

No campo político, o ano de 1967 assinalou a busca da ditadura militar de consolidação do Poder Executivo como a instância máxima e única de todas as decisões caras ao Estado num processo de coibir quaisquer desvios da ordem estabelecida pelo golpe civil-militar de 1964. Neste clima de insegurança e violência, foi promulgada a Constituição de 1967 numa clara investida de sistematização, formalização e legitimação das medidas autoritárias até então dispersas em inúmeros decretos e outros marcos regulatórios (FERREIRA e DELGADO,

2010).. O embate entre a linha dura dos militares e a Frente Ampla de oposição ao regime militar - que tinha como líderes Carlos Lacerda, Juscelino Kubitschek e João Goulart – determinou os rumos do ano de 1968 (CALICCHIO, 2001, p. 420).

No campo educacional, a promulgação da Lei 5.540 de 28 de novembro que fixou as normas de organização e funcionamento do ensino superior – regulamentada pelo Decreto nº 464 de 11 de fevereiro de 1969 (SAVIANI, 2011, p. 365).

Na área política, o Ato Institucional nº 5 de 13 de dezembro possibilitou a cassação e a prisão dos opositores ao regime independente de qualquer apreciação judicial.

Fora do Brasil, especialmente na França, ocorreram os manifestos de maio de 1968. Segundo Judt (2008, p. 414),

Os “eventos” de maio tiveram início no outono de 1967, em Nanterre, sombrio subúrbio parisiense e local de uma das extensões da Universidade de Paris construídas às pressas. Havia algum tempo, as residências estudantis em Nanterre abrigavam uma população flutuante de estudantes, de “penetras” radicais e de um pequeno número de usuários e traficantes de drogas. [...] A administração acadêmica de Nanterre relutava em causar problemas, mas, em janeiro de 1968, expulsou um “invasor” e ameaçou tomar medidas disciplinares contra um aluno, Daniel Cohn-Bendit [...] Duas semanas depois, o campus de Nanterre foi fechado. [...] A ocupação estudantil da Sorbonne, as barricadas nas ruas e a luta contra a polícia nas noites e madrugadas de 10 e 25 de maio [...] quase paralisaram a França.

Portanto, um tempo de convulsões e reflexões que estariam presentes de forma direta ou indireta nos artigos de Anísio Teixeira no jornal Folha de São Paulo.

### 3. Os artigos em análise

O quadro 02 possibilita uma visada panorâmica nos títulos e nas datas dos artigos publicados no periódico.

Quadro 02

#### Artigos de Anísio Teixeira no Jornal Folha de São Paulo (1968)

Título do artigo	Data
A rebelião dos jovens	02 de junho
Modelo para reforma da universidade	08 de junho
De Gaulle e a sociedade de participação	19 de junho
Encontro com um jovem	26 de junho
Liberdade de pensamento e mudança social	29 de junho
Os limites da força	04 de julho
A Universidade e o Estudante – I	13 de julho

A Universidade e a sua reforma –II	17 de julho
A Universidade e a sua reforma -III	20 de julho
A Universidade e a sua reforma -IV	23 de julho
Educação para o futuro	03 de agosto
A “contra-revolução” dos jovens	10 de agosto
Compreender o presente e participar do futuro	14 de agosto
Civilização de massa	24 de agosto
Universidades em massa?	31 de agosto
Educação para cada um	07 de setembro
Democracia é O problema	14 de setembro
Países jovens e países velhos	21 de setembro
Escalada da comunicação humana	28 de setembro
“Systems analysis”	05 de outubro
Russos, americanos e índios	19 de outubro
Tecnologia e pensamento.	26 de outubro
A conjuntura do desenvolvimento	02 de novembro
Reflexões sobre a democracia	09 de novembro
O Processo Civilizatório	23 de novembro
Tiranía e despotismo da maioria	07 de dezembro
Sombras e ameaças	14 de dezembro
A grande tradição do nosso tempo	30 de dezembro

Fonte: Jornal Folha de São Paulo (1968). Total: 28 artigos.

A análise dos artigos obedecerá dois princípios: estudos estruturados em dois blocos bimestrais e um trimestral a fim de que não se perca a ordem cronológica e conjuntural; nos comentários de cada bloco a retomada de alguns questionamentos levantados na Introdução deste trabalho, a saber: Quais os conteúdos destes artigos? Que imbricações existiram entre a escalada da violência do governo de exceção – seja no campo dos direitos individuais, seja no cerceamento das liberdades de docentes e discentes - e os temas abordados pelo articulista? Quais os ideários presentes nos textos que já permeavam a obra de Teixeira no decorrer da sua trajetória intelectual e quais eram as novas preocupações?

### 3.1 – Junho e Julho de 1968

Breve contextualização histórica: A França se encontra em ebulição por conta do movimento estudantil e operário - Os Estados Unidos continuam em luta no Vietnã - No Brasil, no dia 02 de julho, por decreto presidencial, foi instituído o Grupo de Trabalho para a elaboração de

propostas para A Reforma Universitária – No dia 31 julho, durante a segunda reunião do Grupo da Reforma Universitária, estudantes promovem uma assembleia em gente ao local da reunião - Continuam os choques entre as forças de repressão e os estudantes – Começam os rumores sobre a adoção de mais medidas de exceção por parte do governo militar.

Teixeira evidenciou nestes escritos uma preocupação em compreender o tempo “presente” como inquietações em relação ao “futuro”. Escapa, assim, dos caminhos menos tranquilos que levariam a busca de respostas no “passado”. Não se trata do apagamento da história ou da filosofia que sempre foram companheiras dos estudos anisianos. O autor irá utilizá-las, porém como uma ferramenta no entendimento da evolução ou evoluções das sociedades e também nos “avanços” - que sob o manto do capitalismo - se revelaram retrocessos. Aliás, contrariando a classificação de pensador liberal – ataca com veemências as bases do liberalismo que se tornaram num inversão de valores a fundamentação para a existência do liberalismo excludente. Afirma que tal liberalismo aliado ao capitalismo propagador de injustiças e desigualdades justificam as rebeliões e as manifestações dos jovens por um novo espaço numa nova sociedade.

É flagrante a preocupação com a democracia que tenha como esteio a liberdade de agir e a liberdade de pensar – tendo a universidade como um dos principais espaços para estes exercícios políticos, mantendo-se, desta forma, fiel ao exposto no seu discurso proferido em 1935 por ocasião da inauguração dos cursos da Universidade do Distrito Federal que foi publicado pela Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos em 1962 e, finalmente, introduzido na coletânea Educação e Universidade (1988) com o feliz título “Universidade: mansão da liberdade” além dos diversos textos produzidos sobre este tema. Entende que só haverá sucesso os planos que incluam a valorização do professor. Não por documentos e legislações, mas por medidas práticas. Ideias expressas no clássico texto “Valores proclamados e valores reais nas instituições escolares brasileiras” – documentado apresentado à Conferência sobre Educação e desenvolvimento econômico e social na América Latina em 1961, no Chile, publicado em 1962 pela Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos.

Ainda no tocante às preocupações que já permeavam a trajetória intelectual de Teixeira, não esconde o articulista – mesmo que não se refira diretamente ao tempo discricionário vivido no Brasil – o seu temor ao obscurantismo de qualquer espécie, a sua rejeição às imposições oriundas de uma instância de poder inquestionável e a sua certeza de que as mudanças necessárias só seriam realizáveis pela “mudança de atitude”.

Como “novas” preocupações, merece relevo o “desencanto” de Teixeira com a inoperância das conferências e instituições de caráter internacional no empenho de reduzir as

desigualdades (dentre elas, a educacional), deter a violência, a opressão sofrida pelos países mais frágeis, incluindo-se neste ponto uma severa crítica ao comportamento norte-americano no Vietnã. Trata-se de uma alteração significativa no ideário de Teixeira que sempre considerou a América, o pan-americanismo e as ações conjuntas com a Unesco importantes removedores de óbices para o desenvolvimento nacional e modelos a serem seguidos no Brasil. Tal situação aliada às incertezas sobre a utilização do progresso científico e das novas tecnologias criadas a serviço do bem serão constantes presenças nos escritos de Teixeira..

A seguir, pequenos trechos selecionados dos artigos dos meses de junho e de julho, à guisa de provocação para que pesquisadores e estudantes sintam-se impelidos a uma leitura integral dos escritos.

Artigo: “A rebelião dos jovens” (02 de junho)

[...] A revolta estudantil (na França) deflagrou a revolta na força de trabalho e os tranquilos grupos dominantes acordaram do seu letárgico sossego [...] Toda a opressão humana decorre de uma aprovação geral dessa opressão [...] Deste modo, a opressão só poderá ser removida se os oprimidos resolverem se opor à opressão [...] Não esqueçamos que nos períodos históricos de opressão de uma elite sobre todo um povo, o mecanismo de defesa desta elite era mercenário. Os exércitos não mercenários nasceram com os governos nacionais. O exército defendia os interesses comuns de toda a nação. Se se tornar claro que tais exércitos longe de defender interesses comuns estão defendendo interesses de uma classe, só haverá um remédio, os exércitos se transformaram nos exércitos da época da aristocracia [...].

Artigo: “Os limites da força” (04 de julho)

[...] A política (norte) americana de força (no Vietnã), além do insucesso teve ainda como resultado estimular o uso do método da força dentro de seu próprio país, quebrando de forma considerável, o consenso anterior, que parecia existir, a respeito da segregação racial. Deste modo, a experiência representou forte estímulo à restauração do princípio da força no mundo, pois, ao mesmo tempo que consolidou a sua aplicação, constituiu, paradoxalmente, uma demonstração dos “limites” do uso da força pelos métodos convencionais e das possibilidades insuspeitadas do seu uso por métodos heterodoxos e imprevisíveis. Num mundo de promessas e de perigos, não sabemos onde nos levará esse trágico incentivo ao método da violência [...].

Artigo: “A universidade e o estudante” (13 de julho)

Tão intensa foi a aceleração do tempo no segundo terço do nosso século, que parecem remotos os acontecimentos das três primeiras décadas. Nesse período foi grande e significativa a renovação da educação da criança. Emergimos de uma fase de endoutrinação e imposição para uma corajosa participação da criança em sua própria educação. [...] Essa onda de liberdade e inteligência não se estendeu além da escola primária, só alcançando a secundária nos países que a alargaram a todos os alunos [...] Que sucedeu, depois, para que, agora, a participação do estudante, dramática e ruidosamente pleiteada, chegue a parecer revolução? [...] A sua inquietação, a ânsia por uma nova forma de vida mais integrada, é um esplêndido sinal de

vida e de sensibilidade que deve ser recebido como um dos mais promissores movimentos dos nossos incertos tempos [...].

### 3.2 – Agosto e Setembro de 1968

Breve contextualização histórica: A Rússia invade a Tchecoslováquia em 21 de agosto – Premiêr norte-vietnamita adverte os EUA sobre o emprego de armas atômicas - No Brasil, Carlos Lacerda vai a Corumbá tentar uma aliança com Jânio Quadros – Prisão do líder estudantil Vladimir Palmeira no dia 04 de agosto no Rio de Janeiro – Grupo de Trabalho da Reforma Universitária encerra os seus trabalhos e encaminha proposta para um grupo de nível ministerial.

Nos três primeiros artigos deste bloco, Teixeira retomou as reflexões sobre a juventude, a educação (especificamente, a universitária) e o tempo futuro. Entretanto, é visível a guinada em termos da problematização destes tópicos. Não se trata mais de criticar as evoluções ou revoluções conservadoras – amigas da manutenção da ordem e do capitalismo – mas, sim, pensar e compreender os tons e as cores da contra-revolução num processo de resistência à ideias retrógradas e antidemocráticas, utilizando como imagem os movimentos dos jovens em diversos países, inclusive no Brasil (não citado diretamente no texto, mas contemplado por vias indiretas haja vista que o artigo de onde foi retirada a citação não menciona qualquer país). Teixeira, não só afirma que ser “contra-revolucionário é que é ser verdadeiramente revolucionário, quando a revolução se faz dogmática” como nos três artigos seguintes procurou deslegitimar a utilização do termo “massa” como sinônimo de multidão numa clara desqualificação aos movimentos coletivos de toda a natureza. Assim, questiona o alinhamento automático entre massa e tumulto ou desordem, estendendo o seu olhar para o empobrecimento conceitual implícito na expressão “civilização de massa” e nas suas consequências: uma sociedade sem democracia, um abandono da individualidade, um incremento de políticas públicas apenas paliativas e provisórias. Dentre elas, a extensão das universidades existentes em locais improvisados e não a construção de novos prédios com as condições básicas de funcionamento – fruto de um planejamento.

O recrudescimento da violência das autoridades “estabelecidas” é a tônica das entrelinhas destes artigos. A ponto de um deles ter o sugestivo título “Democracia é O problema”, com a letra “o” em maiúscula para que não pudessem pairar dúvidas quanto às intenções do articulista. Democracia que já se fizera presente nos rol das problemáticas mais discutidas por Teixeira desde 1935 – ano da escritura do livro “Educação para a democracia: introdução à administração educacional que foi publicado em 1936 pela Editora José Olympio. A leitura do referido livro enseja a percepção das inquietações sobre os rumos da sociedade brasileira em

todos os campos, da educação nacional em seus diferentes níveis e modalidades, e por fim, mas não menos importante, a apreensão do espírito do tempo que dá vida à obra: a demissão de Anísio Teixeira do cargo de Secretário de Educação e Cultura do Distrito Federal pela força dos que temiam as ideias de Teixeira (CUNHA, 1997; NUNES, 2000).

A seguir, trechos selecionados dos artigos dos meses de agosto e setembro.

Artigo: “A contra-revolução dos jovens” (10 de agosto)

O dogmatismo religioso opõe ortodoxia a heresia. O dogmatismo político opõe revolução a “contra-revolução”. O curioso a notar, desde logo, é que a inconformidade e a dissensão estão na heresia e na “contra-revolução”. Ser “contra-revolucionário” é que é ser verdadeiramente revolucionário, quando a revolução se faz dogmática. Considero esta singela observação muito significativa para esclarecer a posição dos jovens. A revolução fez-se ortodoxia e a única saída para a inconformidade é a “contra-revolução”. [...] O movimento dos jovens lembra o dos anarquistas no século XIX. O ideal dos anarquistas nunca foi abandonado. Ora, o que sucedeu, com as novas formas coletivistas de trabalho e o alto grau de organização e concentração da civilização industrial, foi que a vida humana ficou inelutavelmente presa ao **establishment**, passando o velho sonho de liberdade individual a ser um simples sonho. Pior, deixou de ser um sonho para se fazer pesadelo. Um estado de pesadelo é o que melhor caracteriza a posição da juventude nos dias de hoje. [...] Para usar uma velha imagem, tem a civilização industrial de esquecer Esparta e voltar-se para Atenas, a de Pericles. Não será essa a contra-revolução dos jovens? (grifos do autor).

Artigo: “Civilização de massa” (24 de agosto)

[...] O termo (massa) é uma nova palavra para multidão. Mas à multidão se associam os velhos característicos de irracionalidade, emocionalismo, vulgaridade de gostos, e preconceitos e hábitos de rebanho. E, nesse caso a palavra não é uma expressão neutra e descritiva, mas uma classificação. A confusão está justamente nisto. O termo não descreve, mas julga. Há evidentemente novos fatos coletivos na vida de hoje, mas por que o uso do conceito de massa para caracterizá-los? [...] Para muitos, a aristocracia construiu forma alta e fina de vida. Entretanto, as aristocracias foram **hereditárias** e como tais lidaram com larga variedade de seres humanos. Se esse grupo aristocrático, dos poucos, teve virtudes, deveu-as às suas condições de vida e de educação. Se dermos a **todos** condições satisfatórias de educação, todos criarão condições de vida, acredito, equivalentes, embora diversas, às dos aristocratas. Mas isto **nunca** foi experimentado e daí não poder ainda ser mais do que simples crença.[...] Com estes comentários, queremos apenas sublinhar que o uso generalizado da idéia de massa e massas, com todas as suas conotações implícitas, constitui material crucial para a revisão que se impõe dos nossos conceitos e preconceitos relativos aos nossos tempos. (grifos do autor).

Artigo: “Democracia é O problema” (14 de setembro)

[...] O Brasil forjou, em sua bandeira, a filosofia da época: “ordem e progresso”. Os dois marchariam de mãos dadas para o manifesto destino de cada nação. [...] Do velho ideário do indivíduo soberano, núcleo e força da sociedade espontânea e feliz, muito pouco ficou, salvo certas formas

residuais de composição política dos governos, democráticos porque impotentes. E surgiram governos totalitários, tentando refazer ordens autoritárias, baseadas em programas planejados para o bem social. A vida humana reentrou em uma ordem em rigor tão imposta quanto a velha ordem que antecedeu o século XVIII. [...] Onde (estão) as esperanças? Confesso que não as vejo no conjunto de forças estabelecidas e dominantes. Tem de vir de novos ângulos de visão do problema democrático. [...] Mas, se provocarem um “Novo Exame” e vierem a reformular a velha crença do homem “na vida, na liberdade e na felicidade”, para que voltemos a buscá-las sob o escudo da “eterna vigilância” e do eterno esforço e não como um bem que nos chegará, um dia, de presente, creio que teremos razão de esperar. Democracia ainda é o problema. (grifos do autor).

### 3.3 – Outubro, Novembro e Dezembro de 1968

Breve contextualização histórica: Vietnã: 38 anos com os mesmos revolucionários – Alemanha e Brasil estudam acordo atômico - No Brasil, em outubro, retorno de Darcy Ribeiro, após quatro anos de exílio - Presidente Costa e Silva envia ao Congresso oito Decretos que foram baseados nas propostas do Grupo de Trabalho da Reforma Universitária em 1º de outubro – Em 07 de outubro, entra na ordem do dia no Congresso Nacional a Mensagem Presidencial nº 36 contendo os pressupostos para a Reforma Universitária – Sancionada a Lei nº 5.540 de 28 de novembro que promove a Reforma Universitária – No dia 13 de dezembro foi editado o Ato Institucional nº 5- No dia 30 de dezembro, foi divulgada a primeira lista de cassações.

Os três primeiros artigos, deste terceiro e último bloco de textos de Anísio Teixeira no jornal Folha de São Paulo, demonstram o interesse pelas possibilidades abertas pelas tecnologias para a Educação. Avança o autor na insuspeita contribuição para estudos de casos com a combinação de análises qualitativas e quantitativas que facilitariam o progresso das ciências humanas. Mas, assevera que toda a parafernália tecnológica não teria sentido sem a presença de um professor que entendesse os rumos e localizasse a direção dos ventos que levariam a humanidade ao desenvolvimento. Aliás, as imbricações entre tecnologia, cultura e educação permaneceram candentes até o fim da vida de Teixeira haja vista a apresentação intitulada “Systems Analysis” em Educação para o livro “Uma visão nova de Educação” da autoria de John Pfeiffer em 1971 e no seu texto Cultura e Tecnologia do mesmo ano.

Entretanto, as luzes acesas pelas novas promessas do progresso não foram potentes para iluminar as sombras sentidas e pressentidas que a cada dia ameaçavam – se é que assim pode se chamar – o pouco da democracia que ainda restava no Brasil. A iluminação vai se apagando paulatinamente a cada prisão efetuada, a cada repressão, a cada gesto de violência que se impetrava contra os direitos básicos da cidadania. O artigo “Sombras e ameaças”, que foi publicado um dia após a edição do Ato Institucional nº 5, serve de zona de desabafo pois pela

primeira vez Teixeira não utiliza metáforas e critica diretamente a insustentável situação a que chegara o Brasil.

Desta forma, transcrevo algumas partes de “Sombras e ameaças” de 14 de dezembro. Talvez, um longo trecho. Como também foi longo o tempo para que retomássemos a democracia.

Tenho evitado, nestes artigos, examinar a situação particular do país neste **Gotterdammerung** (crepúsculo dos deuses) wagneriano em que estamos vivendo. [...] Os últimos episódios relativos à prisão de padres, depois da perseguição e prisão de estudantes e de toda esta caça às feiticeiras, com que estamos a retornar às nossas remotas origens inquisitoriais hispânicas e portuguesas, assustam-me sobremodo e me compelem a um comentário. [...] Em meio a tudo isto, o país sempre apresentou um quadro de duas faces, uma da realidade e outra de aparências. [...] Por isto mesmo. Focou por aí tanta gente a falar da doçura brasileira, amor à liberdade, capacidade de convivência, brandura de temperamento e, até, gosto pelo progresso...[...] Daí, não me surpreender, mas sobremodo me alarmar, a volta do uso da violência pela autoridade no Brasil. A violência está sempre implícita na ação do governo brasileiro. A liberdade sempre foi uma permissão entre nós, que a cada momento podia ser suspensa. [...] Crises como a que estamos vivendo, hoje, no Brasil, podem ter a vantagem de ajudar-nos a penetrar e perceber a realidade, neste país em que reflexos e sombras são tudo que se pode ver do fundo da caverna em que vivemos, que não é a dos filósofos gregos, mas a dos nossos sertanejos perdidos na extensão continental do país e a da imensidão urbana dos pobres do Brasil, todos na verdade brandos, silenciosos e tão imóveis quanto o velho solo arcaico brasileiro à prova de terremotos. (grifos do autor).

#### 4. Considerações finais

Das cinco indagações propostas na introdução deste artigo, duas foram deixadas para este momento: Qual a contribuição deste conjunto de artigos para a historiografia da educação brasileira? Quais pontos que ainda permanecem candentes para a sociedade brasileira no tempo presente?

Em primeiro lugar, os estudos dos escritos de Teixeira no período pós-1964 contribuem para a quebra de uma barreira ou periodização que não está em questionamento, mas, “atrela” os investimentos intelectuais de estudantes e pesquisadores ao advento do golpe civil-militar, como se para além só houvesse o silêncio. Esta linha de raciocínio é que orientou a operação historiográfica e animou a feitura de trabalho que tenta ser uma modesta contribuição para a historiografia da educação brasileira pois o exame deste conjunto de artigos que – até onde foi possível pesquisar – aparecem como referências esparsas em alguns trabalhos ou em biobibliografias de Anísio Teixeira pode preencher uma lacuna considerável no campo da História da Educação.

O conjunto de artigos analisados é a expressão de um pensador social ainda voltado para as demandas educacionais, porém com um olhar mais crítico sobre os limites desta mesma

“Educação” tanto do presente quanto do “Futuro”. Sobretudo, um intelectual preocupado em alargar os horizontes do próprio olhar no sentido “político” – mesmo que em muitos escritores anteriores ou discursos tenha qualificado as suas intervenções e comentários como “sem colorido político” – para discutir com propriedade o que estava em jogo no tocante à “Democracia” e aos diferentes entendimentos da mesma por quem estava no “Poder” e por quem era regulado por este poder. Neste sentido, a democracia não era um problema qualquer: era “O” problema. O motivo do desencanto com a “América” e o inconformismo com o uso da “Força” a qualquer preço ecoam nas linhas e habita as entrelinhas a repugnância à utilização da repressão e da violência pelo estado brasileiro até a publicação do artigo “Sombras e ameaças” que transfere a indignação sentida das entrelinhas para as linhas da história.

Dos vinte e oito artigos produzidos, seis tiveram a sua publicação em outros espaços de divulgação científica, conforme já assinalado, cinco deles voltados para o tem “Universidade”. Entretanto, a leitura dos vinte e dois textos que não tiveram este mesmo fim revela-se uma contribuição significativa para a historiografia da educação brasileira haja vista os temas, as abordagens e – acima de tudo – o tempo histórico em que foram escritos: no calor da hora e de cada minuto nos quais a escalada de truculências se apresentava como mensageira de tempos incertos e nebulosos.

Então, uma pergunta se anuncia: quais os temas que ainda se fazem presentes para a sociedade brasileira do nosso tempo? A resposta torna-se complexa se houver o cuidado em não inserir nas falas de Teixeira aquilo que ele não disse e mais aquilo que ele não tentou predizer num exercício de futurologia pedagógica. Assim, tentando afastar os anacronismos, a luta por uma sociedade democrática, as desigualdades econômicas e sociais numa sociedade capitalista, a violência simbólica ou não do Estado, a tentativa de compreensão dos desejos e necessidades das novas gerações e a “criação” de “novas” universidades num processo de improvisação e de precarização ainda estão em alta nos livros, nos artigos, nas pesquisas, nos debates e nas aulas deste nosso tempo.

Por fim, a imersão neste conjunto de escritos de um intelectual que foi compulsoriamente aposentado e respondeu a dois inquéritos militares em 1964, retornando ao país em 1966, instiga a pensar quais foram os impactos destes artigos para o governo militar. De certo, os órgãos de censura e repressão colecionavam os artigos de uma voz discordante face aos arbítrios cometidos pela ditadura. Fato é que Teixeira em 1969 não mais pertencia ao quadro de articulistas do Jornal Folha de São Paulo. Assim, a “leitura” do objeto de pesquisa revelou a existência de um cidadão que enfrentou o sistema, que denunciou o arbítrio e, por isto, em 1971 era uma voz que ainda se ouvia e que ainda buscava a verdade. O portador desta voz estava

muito próximo de conquistar mais uma tribuna: A Academia Brasileira de Letras. Porém, ainda em tempos de céu cinzento e mar revoltoso... o barco não voltou ao cais.

#### Referências Bibliográficas

CALICCHIO, Vera. Atos Institucionais. In: ABREU, Alzira; BELOCCHI, Israel; LATTMAN-WELTMAN; LAMARÃO, Sérgio Tadeu de Niemeyer (coords.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro**. 2. Ed. rev. atua. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001, p. 418-422.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

COHN, Amélia; HIRANO, Sedi. Folha de São Paulo. In: ABREU, Alzira; BELOCCHI, Israel; LATTMAN-WELTMAN; LAMARÃO, Sérgio Tadeu de Niemeyer (coords.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro**. 2. Ed. rev. atua. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001, p. 2.235-2.244.

CUNHA, Luiz Antônio. Educação para a democracia; uma lição de política prática. Apresentação do livro **Educação para a Democracia: introdução à administração educacional** da autoria de Anísio Teixeira. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997, 7-33.

FARIAS, Doracy Rodrigues; AMARAL, Maria Sousa do; SOARES, Regina Célia. Biobibliografia de Anísio Teixeira. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira; Brasília: INEP/MEC, vol. 82, n. 200, p. 207-242, jan. /dez. 2001.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). **O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). **O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **João Goulart: entre a memória e a história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FOLHA DE SÃO PAULO. Primeiro Caderno. Junho a Dezembro, 1968.

GERIBELLO, Wanda Pompeu. **Anísio Teixeira: Análise e sistematização de sua obra**. São Paulo: Atlas, 1977

GOUVÊA, Fernando. O estudo do Boletim Informativo da CAPES: contribuições para a historiografia da Educação Superior no Brasil nos anos 1950-1960. **Cadernos de História da Educação**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia; Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, v.11, n. 1, p. 145-164, jan./jun, 2012.

\_\_\_\_\_. A institucionalização da pós-graduação no Brasil; o primeiro decênio da CAPES (1951-1961). **Revista Brasileira de Pós-Graduação**. Brasília: Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de nível Superior; Brasília: CAPES/MEC, v.9, n. 17, p. 373-397, julh., 2012a.

\_\_\_\_\_. O primeiro decênio da CAPES: uma Campanha Extraordinária (1951-1960). **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira; Brasília: INEP/MEC, vol. 91, n. 229, p. 528-542, set. /dez. 2010.

\_\_\_\_\_. Anísio Teixeira e os treze ministros: a "estratégia doce" de um "apolítico" In: 32ª Reunião Anual da ANPED, 2009, Caxambu. **Sociedade, cultura e educação: novas regulações?** Rio de Janeiro: ANPED, 2009.

\_\_\_\_\_. **Tudo de novo no front:** O impresso como estratégia de legitimação do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. (1952-1964). 2008. 236f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

\_\_\_\_\_. **Um percurso com os boletins da CAPES:** a contribuição de Anísio Teixeira para a institucionalização da pós-graduação no Brasil. 2001. 200f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2001.

JUDT, Tony. **Pós-Guerra:** uma história da Europa desde 1945. Tradução de José Roberto O’Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. **Pierre Bourdieu:** escritos de educação. Petrópolis: Vozes, 1998.

NUNES, Clarice. **Anísio Teixeira:** a poesia da ação. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** 3. ed. Ver. 1 reimpr. Campinas: Autores Associados, 2011.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. **Por uma história política.** 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 231-270..

TEIXEIRA, Anísio. **Educação para a Democracia:** introdução à administração educacional. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

\_\_\_\_\_. **Educação e Universidade.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1988.

\_\_\_\_\_. Systems Analysis em Educação. Apresentação do livro **Uma nova visão da Educação** da autoria de John Pfeiffer. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1971.

\_\_\_\_\_. **Educação no Brasil.** São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1969.

\_\_\_\_\_. Valores reais e valores proclamados nas instituições escolares brasileiras. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos,** Rio de Janeiro, vol. 37, n. 86, p. 59-79, abr. /jun. 1962.